

## Pequena reflexão indignada sobre o *day after*, concluída com duas palavrinhas de esperança e uma ficção ensolarada

Aurelindo Jaime Ceia

### 1

A maquinaria global que domina a vida das comunidades desenvolveu-se exponencialmente a partir dos avanços científicos e tecnológicos dos séculos XVIII e XIX e da construção do processo industrial e comercial suportado naquela inovação e nos modos de controle das matérias primas, distribuição, mercado e transportes – a chamada Revolução Industrial. O liberalismo económico de Adam Smith estruturou as bases para a gestão da riqueza e da articulação entre necessidade, produção e lucro, potenciando assim as formas avançadas do capitalismo.

Como uma criatura insaciável e numa espécie de *desvio* inevitável, o mercado foi enfatizando as intenções iniciais, promovendo uma engrenagem cujo *motu* depende cada vez mais do seu próprio crescimento. Nenhum resultado lucrativo é suficiente. Quanto mais eficaz o processo, mais necessidades e mais dependências cria. Os objectivos da produção e do comércio dependem do acumular do lucro e não a inversa. A máquina precisa do próprio sangue e estrutura a sua alma à medida da rentabilização do pessoal assalariado. Arrastando diariamente as botas para a fábrica, sempre a troco do mínimo salário, o operário cumpre uma dupla rotina: garantir o posto de trabalho e contribuir para a acumulação de riqueza da cadeia de empregadores. A ambição destes desenvolve uma rede universal que fomenta paulatinamente o fosso das desigualdades sociais e da destruição da natureza – sem pudor e sem resquício de moral.

Aos cidadãos, encaixados como peças de uma *middle class*, pede-se-lhes que cumpram o seu papel nesta estrutura e nesta rotina, comprando *tudo* o que lhes é posto debaixo dos olhos (com a ajuda das ciências do marketing e da publicidade), tanto o necessário como o inútil: o consumo é instituído como uma *filosofia* e como condição para manter a produção no nível suficiente para gerar e controlar, por um lado, os níveis de riqueza, por outro, os níveis de emprego. A ênfase do consumo usa como argumento,

entre outras seduções, a necessidade de assegurar a manutenção dos postos de trabalho. Aos cidadãos é instilado um sentimento que o impele à acumulação literal de artefactos e estruturas – não importa se desnecessários – tornando-o refém da ideia culposa de que isso é absolutamente indispensável para que não falte o emprego nas caixas dos supermercados e nas oficinas das fábricas do planeta.

A partir do momento em que a finalidade para os detentores das máquinas e do capital é acumular riqueza e técnica, a empregabilidade torna-se um álibi e uma chantagem. Criou-se um ciclo vicioso, onde o poder transversal da sociedade em adquirir *tudo* o que lhe é oferecido, se articula com uma caridosa *missão* na manutenção dos postos de trabalho para a massa assalariada. Em paralelo, os níveis de desemprego são usados como arma apontada à estabilidade do trabalho. Uma ameaça quotidiana.

Compreende-se então que há aqui a necessidade estrutural de que a máquina da produção, uma vez adquirida uma certa velocidade, seja permanentemente oleada não só para a manter como para a aumentar continuamente. Paul Virilio dizia há vinte anos: “a questão da velocidade é uma questão central que faz parte da questão da economia”. Há um aumento de escala na produção geral para o consumo que é, ao mesmo tempo, um encolhimento do tempo necessário para atingir os objectivos – consequência da possibilidade do incremento da velocidade: velocidade de produção, velocidade de distribuição, velocidade de consumo.

Esta *velocidade* é tanto física como mental. O tempo de pensar também se reduz, na sua natureza como na sua dimensão. É contido numa *necessidade* ilusória de resposta rápida aos estímulos para o consumo. Mais depressa compras (tudo), mais depressa o capital se acumula nos fundos dos grandes cofres blindados da ganância. O tempo da fossanga do consumo é inversamente proporcional ao tempo de fruição e de harmonia com a natureza e com a cultura. Esse tempo destrói a alma.

## 2

Ao longo dos últimos séculos, o valor relativo das classes – proletariado, classes médias, *novos proletários* – vai variando, mas é próprio do *sistema* adaptar-se, chegando a alimentar-se da própria ruína.

Quando a pandemia actual chegou encontrou o capitalismo (chamam-lhe neo-liberalismo, porque “capitalismo” é um vocábulo que suscita hoje poucas simpatias, como dizia Bonsiepe) em desenfreada maratona para concretizar a ganância e ampliar o fosso das desigualdades, sem qualquer

ponta de moralidade seja qual for a plataforma e as consequências que se considerem.

Claro que, na realidade actual, há um primeiro movimento imparável para a protecção sanitária. Está em jogo a vida e isso sobrepõe-se, naturalmente, aos outros valores. Porém, a problemática da “economia”, posta por pouco tempo em banho-maria, em breve se tornou premente. O que se compreende: é preciso salvar os dividendos. Mas, como fazê-lo? Recuperar o tempo perdido ou aprender com a lição? Como restaurar, no *day after*, o conjunto das operações de produção e comércio que garantem o modo de vida das comunidades? Tirar conclusões práticas da tremenda lição que o vírus nos está dando, partindo do princípio de que ele existe em boa parte devido às condições de super-produção capitalista e da degradação das condições ambientais – ou avançar o mais rápido possível para a reestruturar o território entretanto degradado, isto é, criar um novo desenho para as manobras da especulação financeira e do recomposição das grandes negociatas?

Durante as semanas que vão passando, já certamente nos interrogámos como será o retomar da “normalidade”. Sabemos que a coisa não se resolverá apenas num dia, mas num tempo alargado e em várias fases. Agora que a ameaça imediata sobre a *vida* parece começar a estar relativamente controlada (ou não), começamos a ouvir, cada vez mais alto e mais insistentemente, a necessidade de “repor a economia” e a assistir a grandes e alarmados fóruns engravatados para desencantar dinheiro e tornar a contar com a “generosidade” do pagode para reconstituir a velha maquinaria global. Mas o que poderia ser uma coragem de repensar a nova realidade e, a partir daí, redesenhar os valores económicos, sociais e culturais como um humanismo, passou rapidamente a ser uma “sangria desatada” para recuperar os argumentos e os velhos vícios e índices macro-económicos. E começaram a surgir também os oportunistas, a querer aproveitar-se da desgraça para adquirir a preços de saldo empresas e negócios, entretanto inevitavelmente arruinados. Falo de uns anafados *empreendedores*, de uns viciosos especuladores bolsistas e de uns *entoalhados* das arábias (daqueles que se sentam em cagadeiras douradas), assessorados por diligentes lambe-botas, sempre prontos a banquetear-se com os despojos sobrantes. Os negócios sobre as ruínas começam a prosperar, é um novo comércio e um novo cadeirão para a velha oligarquia. Procuram-se comparações com a destruição consequência da barbárie nazi e dos bombardeamentos das cidades alemãs e fala-se num novo “plano Marshal” – reconstruir, promovendo ao mesmo tempo a finança dos vencedores. Mas

isto não é uma guerra, isto é uma das múltiplas faces de uma *normalidade* a que agora se chama *globalização*. O capitalismo vai-se reinventando, até no léxico e na semântica.

Nenhuma destas gentes (financistas, barões da indústria, abutres esfomeados, pequenos vigaristas de bairro...) se comove com o facto de – coisa inédita! – perante os constrangimentos brutais da produção e do consumo impostos pelo vírus, os valores gerais da poluição terem decrescido drasticamente e o planeta ter começado a respirar melhor. Agitam-se de novo os gráficos, as previsões, as estratégias financistas, no objectivo da *recuperação*, de garantir a *retoma*, movida pelas mesmas engrenagens de antes da crise – a hiper-produção e a hiper-degradação do ambiente e dos recursos naturais e humanos. Por outro lado, aumenta a vozeria, ladrando às portas dos governos, à cata dos financiamentos, dos subsídios e das benesses para reinstalar os velhos processos do consumo e abrir de novo os salões dourados da corrupção – mesmo que isso se reconstrua sobre uma pilha de centenas de milhares de cadáveres.

Sim, é necessário voltar à *normalidade* (chamam-lhe, de forma parva, o *novo normal*). Precisamos de nos recentrar, rever os nossos amigos e os nossos familiares, sair das quatro paredes e confrontar-nos com a paisagem, reencontrar a primavera adiada, conviver e descomprimir, retomar os caminhos do quotidiano, ler um poema ao sol da beira-mar (Manuel Bandeira: “uns tomam éter, outros cocaína. eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria”). Acreditem: gostaria de o fazer enquadrado numa filosofia libertadora, num cenário em renovação, sentindo que nos safámos um pouco da lógica dos tubarões da finança e dos mercados...

Quem quiser ser optimista, que o seja. Infelizmente, parece não bastar uma catástrofe como a que está em curso para desmotivar os galifões desumanos – aqueles que instigam conflitos improváveis para implementar a brutalidade da guerra mantendo e ampliando a produção gigantesca de armamento, os que dominam os circuitos da droga, os inacreditáveis especuladores em torno dos negócios do futebol, os que seduzem com a modernidade tecnológica, os que criam dependências de vária ordem e nos arrastam a todos numa estranha euforia alienada.

O problema é que a dita *normalidade* que nos espera vai ser fundada de novo sobre as velhas estruturas económico-financeiras e os velhos mitos do desenvolvimento, alimentadas por um jargão ridículo e indecifrável, por detrás do qual se escondem os mais triviais, antigos e mesquinhos malarismos, agora cobertos de novas lantejoulas, como se isto tudo fosse

um circo amável e sedutor. Deixem-nos trabalhar, já dizia o outro. A porra é que nós deixamos.

Até ver.

### 3

**Proponho-vos agora um final alternativo para esta narrativa. Se quiserem, saltem, sem rede, do ponto 1 para o 3. Façam o que quiserem com isto. O sonho é preciso.**

Maio, maduro Maio avança dentro e à volta das nossas cabeças (“uma falua vinha lá de Instambul”...).

Numa destas tardes solarengas sentei-me com um amigo numa das esplanadas do largo do Carmo.

Era dia de jacarandás. As flores púrpura (Pantone 219 C) tombavam uma a uma sobre os tampos das mesas metálicas. Uma caiu-me mesmo dentro da espuma da bela e amarela imperial. Nada que perturbasse o evoluir do processo – uma cervejola fresquinha não pode desperdiçar-se, só porque uma flor cadente se resolveu aproveitar da situação.

Parodiávamos sobre quase tudo. Os turistas recomeçaram, entretanto, a sua peregrinação. Um deles aproximou-se e perguntou-nos, cândida e amavelmente, where is largo Salgueiro Maia. Disse-lhe é aqui, para não ter que estar com longas explicações históricas, e o jovem abalou, crédulo e descontraído, aspirando o ar transparente e bamboleando-se ao som de uma bossa nova ligeiramente desafinada, dedilhada por um castiço descalço e de cabelo coberto de flores rosadas. No chapéu pousado em frente dos penantes jazia uma meia dúzia de moedas.

Duas jovens ajoujadas sob mochilas castanhas a rebentar encontraram pouso na mesa ao lado. Eram loiras e riam muito, nas suas t-shirts estampadas “portuguese do it beter” e nos seus calções curtos, abençoada liberdade. O meu amigo, um atiradiço subtil, perguntou-lhes logo no seu melhor inglês se sabiam que ali era o largo Salgueiro Maia, 25 de Abril e tal. Recebeu em troca, valha-lhe isso, dois ou três belos e claros sorrisos e pronto, que não temos idade para andar a perseguir turistas no bairro alto ou a carregar com mochilas até ao hostel.

Quatro frescas jolas depois, resolvemos parar. O espontâneo da bossa nova não havia meio de acabar o desconcerto. Ao pagar, vimos com surpresa que o fino tinha baixado de preço, três ou quatro meses depois da última vez que ali estivéramos. “O patrão está tão contente com o fim da

quarentena que resolveu embaratecer tudo, veja lá. Também recebeu um financiamento a fundo perdido e aumentou os empregados, isto agora caminha mais leve e alegre. A cervejeira de Leça do Balio ajudou, claro, porque baixou os preços na origem, alargou os prazos de pagamento e parece que integrou de novo os trabalhadores despedidos...”

À conta da novidade, eu e o meu amigo olhámo-nos e resolvemos arrostar de novo com o Tom Jobim lisboeta, “traga lá mais duas e uns amendoins”.

Parece que, afinal, se tinha finado o capitalismo! A cidade estava mais luminosa e respirável. “Ouve lá”, diz-me o meu amigo, sacudindo mais uma flor para o tapete rosado que cobria o chão, “achas que o capitalismo acabou mesmo, só porque a imperial está mais barata?” Eu achava que não, pensava mesmo que o gajo era um grande ingénuo (ou estaria ligeiramente grosso?) e talvez eu fosse um inveterado pessimista, mas não quis estragar o encanto daquele suave entardecer de fim de verão, no largo Salgueiro Maia, ou o raio, depois de vários meses de medo engavetado, mirando agora as “alegres e frescas raparigas”, sacudindo flores do cabelo e sorvendo devagar a cerveja gelada, enquanto o sol lançava com pontaria um raio bonito sobre o alto do boné do guarda republicano à porta do quartel: “Acabou, pá, os gajos aprenderam a lição! Acabou o capitalismo!”

“A poesia está na rua” e – mais importante – dentro das nossas almas.

27 de Abril de 2020,  
Aurelindo Jaime Ceia